

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A política não é banal, mas o sistema formal de representação política [Politics is not banal, but the formal system of political representation]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Ricci,Rudá
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-02 04:49:09
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/162344">http://hdl.handle.net/20.500.12424/162344</a>

integrante de uma certa concepção de gestão privatista da coisa pública. Isso está muito bem enraizado, e o sistema não será abalado pelos episódios a que assistimos. Pelo contrário, tudo isso pode gerar procedimentos, inclusive legais, que protejam o sistema de eventuais instabilidades. Espetáculos públicos de moralização aparente produzem efeitos ilusionistas, mas não atingem o núcleo de uma ordem muito bem guarnecida.

|  
**IHU On-Line - Em 2007, o senhor estará participando do Simpósio Internacional *O Futuro da Autonomia* aqui na Unisinos, promoção do IHU. O**

**senhor já está pensando no tema que lhe foi proposto?**

**Franklin Leopoldo e Silva** - O tema que me foi proposto é *A subjetividade moderna. Possibilidades e limites para o cristianismo*. Ainda não tenho clara a linha que devo desenvolver. Mas o enunciado, assim como o tema geral do evento, sugere uma reflexão acerca das relações entre indivíduo e comunidade, pautada talvez na relação entre individualismo e moralização do interesse particular (ética do capitalismo), algo a ser confrontado com a universalidade concreta das exigências éticas cristãs.

## **“A política não é banal, mas o sistema formal de representação política”**

**Entrevista com Rudá Ricci**



Rudá Ricci é graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em Ciências Sociais pela mesma instituição, com a tese *Fuga para o Futuro: novos movimentos sociais rurais e a concepção de gestão pública*. Leciona na PUC-Minas e é coordenador do Instituto Cultiva e membro do Comitê Executivo Nacional do Fórum Brasil do Orçamento. É autor de *Terra de Ninguém: sindicalismo rural e crise de representação*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

Em entrevista exclusiva concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, Rudá Ricci falou sobre política brasileira e estrutura partidária, PT, intelectuais brasileiros na era Lula, oposição, campanha pelo voto nulo e as próximas eleições de outubro no Brasil. Confira a entrevista a seguir, que foi veiculada nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 20-9-2006.

***IHU On-Line* – Como o senhor avalia a sua percepção de que os partidos políticos no País se transformaram em máquinas empresarias em busca do voto?**

**Rudá Ricci** - Na verdade, minha percepção é que esse é um fenômeno mundial, mas que, no Brasil, tem significado peculiar. Começando pelo Brasil: em nosso país, o empresariamento partidário teve início com a polarização entre PT e PSDB, exigindo uma maior profissionalização da máquina política que, na minha opinião, pode ser denominada de americanização partidária (como na disputa entre Democratas e Republicanos, toda baseada no marketing e no staff técnico). Alguns autores, como Castells<sup>16</sup>, sugerem que o papel do Estado, com a globalização, se limitou à facilitação para investimentos de capital, criando um ambiente seguro para a sua atração. Ora, esta característica acaba por rebater no perfil e papel dos partidos. Um outro autor, Alain Touraine<sup>17</sup>, sugere, ainda, que a política se vinculou à economia globalizada e se apartou da dimensão cultural (dos valores, das tradições). Em síntese: há inúmeros estudos que indicam esta situação em que os partidos se aproximam da lógica empresarial, aumentando o corpo administrativo e o marketing e distanciando-se rapidamente do cotidiano das comunidades e agrupamentos sociais. Enfim, não representam mais nossa vida cotidiana, nossos valores e interesses. Representam

---

<sup>16</sup> **Manuel Castells** (1942): sociólogo espanhol. Durante a década de 70, Castells teve um importante papel no desenvolvimento da sociologia urbana Marxista. Enfatizou o papel dos movimentos sociais na transformação conflitiva da paisagem urbana. Nos meados da década de 90, juntou os lados de sua pesquisa em um sólido estudo, chamado *A Era da Informação*, publicado como uma trilogia entre 1996 e 1998. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>17</sup> **Alain Touraine**: sociólogo francês, conhecido por ter sido o pai da expressão "sociedade pós-industrial". (Nota da *IHU On-Line*)

as intenções e negociações do corpo administrativo partidário que, aliás, desconhecemos quem são porque nunca aparecem à luz do dia.

***IHU On-Line* – O que o senhor vê nas estruturas partidárias do Brasil?**

**Rudá Ricci** - São organizações prósperas, auto-referentes, que disputam entre si o poder político do País, limitados a um círculo restrito, numa esfera acima do homem comum. Estão no que um dia Francisco Weffort<sup>18</sup> denominou de sistema dual da política (os que votam e não têm poder, e os eleitos que administram a política). Não possuem, contudo, representação real, fincada no dia-a-dia dos cidadãos. Aproximam-se da lógica teocrática: seu poder de uma certeza pré-eleição que o voto apenas confirma como se fosse uma verdade absoluta. Não temos como interferir nos programas partidários ou de governo, nas campanhas, não há vinculação entre nosso desejo e a intenção partidária.

***IHU On-Line* – O senhor acha correto falarmos hoje em banalidade da política no Brasil?**

**Rudá Ricci** - A política não é banal, mas o sistema formal de representação

---

<sup>18</sup> **Francisco Weffort**: cientista político brasileiro. Foi, durante muitos anos, secretário-geral do PT, até assumir o Ministério da Cultura, já no primeiro mandato de FHC. Teve passagem marcante como analista e estudioso do Brasil moderno. Seus livros, ensaios e artigos, sempre versando sobre política e a construção de uma cultura e de um país democráticos, mostram as articulações de um autoritarismo endêmico que implantou seus alicerces no Brasil, resultando em práticas corporativas que paralisam qualquer esforço de democratização. De suas obras, destacamos: *América Latina: Ensayos de Interpretación Sociológico-Política* [com Fernando Henrique Cardoso], 1970 e *Por que Democracia?* (1984). Confira a entrevista concedida por Weffort à edição 192 da *IHU On-Line*, intitulada "A corrupção aumentou e a transparência diminuiu", disponível para download na página eletrônica do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

política. A política está viva, nas ruas, nas mobilizações sociais, no Fórum Social Brasileiro, na Semana Social Brasileira, na proliferação de Escolas da Cidadania, dos conselhos de gestão pública, no OP Criança. Enfim, a política criativa brasileira continua viva. O problema é a representação formal que rompeu com a lógica desta vida social real, pujante, e se tornou uma prática de gabinete.

***IHU On-Line - Qual a sua visão do mandato de Luís Inácio Lula da Silva? O que podemos esperar de um possível segundo mandato da Era Lula?***

**Rudá Ricci** - Lula não é uma liderança de esquerda e, portanto, não se propõe a criar grandes mudanças no País. Ele é um líder pragmático e popular. O problema central é a senha que ele fixou na relação com o Congresso Nacional: tudo é possível de ser negociado, com cada parlamentar, negociando interesses muitas vezes pequenos. O deputado recém-eleito já sabe qual a lógica da barganha. O segundo problema é que ele sai consagrado das urnas o que deve aumentar seu pragmatismo. Uma consequência parece certa: ele tentará fundir o PT com os partidos de esquerda que não conseguirem superar a cláusula de barreira (PSB e PCdoB são dois partidos que são citados nas rodas de Brasília) e avançará, com programas federais, sobre os governos de Aécio Neves<sup>19</sup> e José Serra, procurando isolar FHC.

***IHU On-Line - No seu entendimento, como se portaram os intelectuais brasileiros desde a eleição de Lula?***

**Rudá Ricci** - Acuados. Alguns se rebelaram e chegaram a exagerar no grau de ataques, quase que pessoais. Este é o

---

<sup>19</sup> **Aécio Neves**: político brasileiro. Em 2002 foi eleito governador do estado de Minas Gerais. (Nota da *IHU On-Line*)

caso de Chico de Oliveira<sup>20</sup>. Outros, construíram um discurso tortuoso, como o de Marilena Chauí<sup>21</sup>. Mas a maioria se calou e foi cuidar de sua vida, o que revela que a academia está mais privatista e individualista. Falta espírito público.

***IHU On-Line - Que papel a oposição teve neste governo Lula?***

**Rudá Ricci** - O de contraface do governo, ou seja, uma imagem invertida no espelho. A rigor, não existe oposição, mas disputa por cargos públicos. Não existem projetos alternativos. Perceba como eles (PFL e PSDB) recuaram nos ataques ao governo Lula. Recuaram na prática, já que o discurso continuou raivoso. Uma prática tipicamente publicitária. Outros partidos menores de oposição precisam ainda de uma certa provação eleitoral para termos certeza a que vieram.

***IHU On-Line - A população brasileira está mais preparada para enfrentar mais uma eleição?***

**Rudá Ricci** - Eleição nunca é ruim. É um ritual democrático, embora a democracia não se resuma à eleição. Portanto, estamos sempre preparados. O problema é outro. É como se estivéssemos com fome, mas nos oferecessem um prato de algo que não nos agrada. Fica o conflito entre a fome e a rejeição à comida.

***IHU On-Line - Qual a sua interpretação sobre esta Campanha do Voto Nulo?***

**Rudá Ricci** - Acho algo inútil e equivocado. O voto é a delegação de um poder que é meu. Jogar fora o voto é

---

<sup>20</sup> **Chico de Oliveira**: sociólogo brasileiro. Sua contribuição mais recente à *IHU On-Line* aconteceu na edição 192 da *IHU On-Line*, com a entrevista "You votar nulo como protesto", publicada em 21-8-2006, disponível para *download* na página eletrônica do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>21</sup> **Marilena Chauí**: filósofa e professora da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da USP. (Nota da *IHU On-Line*)

jogar fora este poder. E, pior, não ataca o centro do problema que é o sistema partidário não representativo. É como se um jogador batesse uma falta e, com a bola batendo na trave, resolvesse destruir a trave. O problema não é o voto, mas o sistema partidário. E não vejo ninguém da campanha pelo voto nulo apresentar uma saída para este problema. É mais um ressentimento infantil, como se quisesse dizer que não está gostando, mas não assume o poder de cidadania. Acho que é uma rebeldia sem causa. O voto é um

direito, não um favor. É como deixar de receber o salário porque ele é baixo. Não existe consequência racional neste ato. Pelo voto, posso expressar uma intenção, uma mudança, mas não basta: temos que aumentar o poder da cidadania e diminuir o poder dos governos. Temos que aumentar o poder dos conselhos públicos de gestão e responsabilizar as autoridades públicas, exigindo metas políticas e sociais. Temos que aumentar o poder das ruas e do homem comum.

## O voto nulo e a fratura exposta da política oficial

Entrevista com Tales Ab'Sáber

Tales A. M. Ab'Sáber é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e doutor em Psicologia clínica / Psicanálise pela USP. Ele é autor de *O Sonhar Restaurado*. São Paulo: Ed. 34, 2005 (Prêmio Jabuti 2006). Nesta entrevista, realizada por e-mail para a revista *IHU On-Line*, o psicanalista falou sobre política brasileira e os políticos, campanha pelo voto nulo e as próximas eleições de outubro no Brasil. Confira a entrevista a seguir que foi veiculada nas *Notícias Diárias* da página do IHU, no dia 18-9-2006.

***IHU On-Line* - O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Marco Aurélio de Mello, tem tentado estimular o voto até mesmo comparando o voto nulo a uma avestruz que na tempestade de areia enfia a cabeça em um buraco, o que mostraria a desinformação e o desinteresse. O senhor diz o contrário, afirmando que o voto nulo é o voto hiperinformado. O senhor poderia falar desse seu ponto de vista? O que representa o voto nulo para as próximas eleições?**

**Tales Ab'Sáber** - Tanto na clínica psicanalítica contemporânea quanto no desenvolvimento de uma certa filosofia política do século XX, foi necessário conceber um tipo de trabalho simbólico que poderíamos chamar de "o trabalho do negativo". Nas condições atuais da vida pública e no andamento da política no Brasil, com a crise ética revelando a verdade de fundo do que é a política sobre o controle estrito do capital, hoje capital financeirizado e globalizado, o grande e velho balcão de negócios das classes privilegiadas, fica muito claro o aspecto particular, ineficaz, privatista e